

# CAIR PELO COSMOS

Paulo Victor Albertoni LISBOA<sup>1</sup>

MEMÓRIA  
EXPERIÊNCIA  
INVENÇÃO

MEMORY  
EXPERIENCE  
INVENION

## Resumo:

O presente artigo é uma vivência com as palavras de Ailton Krenak presentes na sua obra "Ideias para adiar o fim do mundo" e com as palavras proferidas em sua palestra na Casa do Lago, na abertura do III Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos, realizado na Universidade Estadual de Campinas, em agosto de 2019. O artigo convida o leitor à queda proposta por Ailton Krenak.

**Palavras-chave:** *fim do mundo; paraquedas; sonhos*

## Abstract:

The aim of this article is to present a living together experience with Ailton Krenak's words on his work called "Ideas to delay the World's ending" and his lecture at Casa do Lago, the opening event of III International Symposium Rethinking Contemporary Myths at State University of Campinas on August, 2019. The reader is invited by this article to falling with Ailton Krenak's ideas.

**Keywords:** *world's ending; parachute; dreaming*

Escrever sobre o *sentimento do fim do mundo* exige uma alternativa para a escrita, especialmente a acadêmica. Para isso, a vivência com as palavras do autor Ailton Krenak impõe o desafio da fuga da neurose que incide sobre os gêneros da escrita especializada para, então, reinventar a palavra autoral, os seus vínculos com as palavras dos outros e abrir a escrita a transformações narratórias. É evidente que o desafio extrapola, portanto, os limites dessa vivência e inaugura uma economia da procura para a palavra.

<sup>1</sup> Licenciado e bacharel em Ciências Sociais, mestre e doutorando em Antropologia Social (Unicamp). Atualmente, é professor substituto de antropologia nos cursos de Ciências Sociais e Relações Internacionais na Unesp - Marília. E-mail: [pauloalbertonilisboa@gmail.com](mailto:pauloalbertonilisboa@gmail.com)

A “paranoia da queda” é uma das dezenas criaturas-palavras de Ailton Krenak, presentes em seu livro “Ideias para adiar o fim do mundo” (KRENAK, 2019). São criaturas-palavras porque são palavras que não se prestam à codificação ou à decodificação de uma mensagem, não estão a serviço de nossas bocas, olhos e ouvidos, não revelam o mundo e, por essa mesma razão, não o escondem, não pertencem a significantes-significados e à representação. Essas criaturas visitam-nos em nossas casas como gente e nos convidam a visitar também o lugar onde moram. O presente artigo é, por isso, também um passeio com essas criaturas para fazer diferir uma paisagem, sem representá-la.

Atrevo-me a falar que o público presente em sua palestra estava “sem chão”, talvez porque “um mundo caiu” e temos muito medo “das possibilidades que se abrem” (KRENAK, 2019, p. 62). Temos medo, mas esse medo tem os seus motivos. Os representantes poderosos desse *mundo em queda-livre* estão empenhados na produção do sofrimento dos que se atrevem a “procurar mundos”, a fabricar futuro. Ailton Krenak convida-nos, em seu livro, a saltarmos de paraquedas e, em segurança, perdermos o medo de “implodir a casa que herdamos” (KRENAK, 2019, p. 62-63).

O primeiro conselho é não eliminarmos a queda (KRENAK, 2019, p. 63). Mas a sua audiência e os seus leitores podem questionar “de onde se projetam os paraquedas?”, a que o autor responde: do lugar do sonho (KRENAK, 2019, p. 65). Disso podemos deduzir o seu segundo conselho: habitar o lugar do sonho.

Sofremos por “paranoia da queda” quando somos capturados pelo medo e começamos a recorrer a novos muros, novos soldados particulares, catracas e cancelas, condomínios. De repente, deixamos de correr nas ruas e começamos a correr em esteiras, como os ratos de laboratório, privados de liberdade e escravizados pela técnica-mercadoria da produção de patentes (im)populares, aceitamos toda a parafernália para construirmos a nossa própria “casa do medo”, baixamos aplicativos e entregamos nossos dados e informações íntimos porque não há intimidade para os medrosos, há câmeras de segurança em todos os lugares, inclusive nos celulares e nos convencem de que é por uma boa razão que carregamos a nossa própria câmera – o tempo todo.

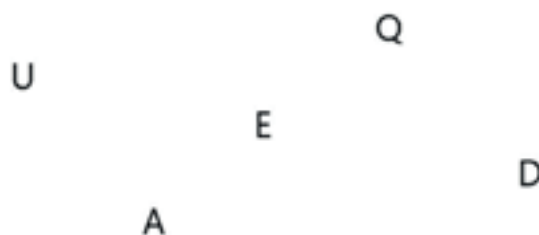
Descartamos plásticos nos mares, carregamos minérios nas tecnologias com obsolescência programada, embelezamo-nos às custas da experimentação

animal, consumimos os animais de carga. Essa humanidade é *vip* e fora dela tudo está inseguro e des-humanizado, destituído de direitos, reduzido a recurso esgotável. *É preciso cair de si.*

Não bastará, então, uma queda seguida de uma restauração, como temos vivido há séculos de capitalismo da precarização da vida para produzir mais valor. Porque essa queda restauradora é também uma *subida de si* e uma individuação capitalista, a procura de alternativas dentro das leis de seu próprio movimento, uma queda para o Capital.



Impõe-se a nós a necessidade de inventar uma queda, aquela descida sem estrutura, sem descer as escadas e sem elevador.



## O mundo da queda

Ailton Krenak lembra-nos do Antropoceno, segundo o qual os efeitos da ação humana na Terra terão impacto do tamanho de uma Era Geológica. O autor nos explica isso: “Excluimos da vida, localmente, as formas de organização que não estão integradas ao mundo da mercadoria” (KRENAK, 2019, p. 47). Palavras de Ailton Krenak: esse mundo reconhece como humanos apenas aqueles cidadãos apartados da natureza, obedientes e sedentos por “mamar na Terra”. Com o *mundo em queda* deverá cair também esse “humano” delimitado por muros, que joga para a periferia os outros – na periferia da humanidade.

Esses humanos destituídos de vínculos com a natureza não caem pacificamente. Os restauradores do *mundo em queda* esforçam-se, diariamente, para alocar na periferia os outros e, assim, garantir privilégios, agrupando indivíduos e coletivos na categoria de *quase-cidadãos do mundo* para serem expostos à vulnerabilidade periférica. Ailton Krenak também explica isso em seu livro, “a modernização tirou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias para virar mão-de-obra em centros urbanos” (KRENAK, 2019, p. 14). A queda com restauração está prevista pelo Capital.

Desse *mundo em queda* caem primeiro os cidadãos da periferia da humanidade, porque, aliás, como bem nos lembrou Ailton Krenak na Casa do Lago, é mais fácil jogá-los pelas beiradas desse mundo quando a terra é plana, e o autor mencionou que, talvez por isso, os restauradores têm investido na teoria da terra plana.

Na queda, e de paraquedas, ganhamos tempo para conversar, quem sabe imaginar uma *terra plena*. Para isso, temos que fugir da “paranoia da queda”, abandonar a insegurança de “implodir a casa que herdamos”. Na duração da queda, dialogamos sobre uma humanidade inclusiva, uma cidadania para as diversas espécies animais, para as plantas, as montanhas, as águas, para Nós, uma cidadania espiralada que *cai de si* para viajar por outras moradas e voltar maior.



### O lugar dos sonhos

Vamos sonhar a *terra plena*. Um lugar para acolhermos mundos, buscarmos futuro, passear por outras moradas. Não vamos sonhar diante do espelho, vamos sonhar diante dos outros. Ou acatemos o conselho do xamã yanomami, Davi Kopenawa,

Os brancos, ao contrário, não param de fixar seu olhar sobre os desenhos de suas falas colados em peles de papel e de fazê-los circular entre eles. Desse modo, estudam apenas seu próprio pensamento e, assim, só conhecem o eu que já está dentro deles mesmos (KOPENAWA e ALBERT, 2015, p. 455).

Vamos inventar uma língua. Uma não. Vamos sonhar linguagens.

Vamos fazer uma coreografia estranha.

Vamos ser mestres e mestras espiralados.

### **O palco e a vida**

No ônibus, no trabalho e nas escolas estamos disciplinados, disse Ailton Krenak na Casa do Lago. Eu convido o leitor para sermos, então, a anti-medusa, uma gente de múltiplas linguagens que só de ser olhada produz movimento, faz diferença.

O autor convidou-nos, então, a pensar “e se alguém começar a dançar uma dança estranha ali? O que iria acontecer?”. Talvez muita gente “olhasse feio”, reprovasse o comportamento. Talvez alguma gente dançasse feio, ia ser bonito.

A separação entre o palco e a vida é um mal civilizatório, produz a passividade diante da cena capitalista e, com isso, faz o sujeito perceber os papéis sociais enquanto máscaras irrecusáveis. É preciso dançar uma coreografia estranha (KRENAK, 2019, p. 70), fora dessa dança civilizada e controlada pela mercadoria, para empurrar o céu e poder respirar (KRENAK, 2019, p. 28). Mas os dançarinos estranhos são considerados pelos representantes do *mundo em queda-livre* como quase-humanos, equiparados à condição de entes naturais-periféricos e desprezíveis. Aqui, Ailton Krenak faz encontrarem-se os pobres, as mulheres, os índios, as florestas, os rios, os animais, ou seja, os oprimidos e artesãos de futuro.

Os indesejáveis desse *mundo em queda* são também responsáveis por uma pausa, um tempo intermediário capaz de parar a máquina produtiva, o relógio do produtivismo e do desempenho. Aqui, é necessário lembrar do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, a “Pura inquietação não gera nada de novo” (HAN, 2015, p. 34), ou seja, urge conquistar uma parada para produzir uma abertura à diferença, uma dádiva na sociedade do desempenho.

Dessa maneira, a obediência lubrifica as engrenagens e torna-se uma condição disciplinar fundamental para a manutenção das máquinas de interrupção

do desejo. Por essa razão, "... a dança, com seus movimentos revolteantes, é um luxo que foge totalmente do princípio do desempenho " (KRENAK, 2015, p. 35). De mãos dadas com as criaturas-palavras de Ailton Krenak, sentimo-nos forjando essa coreografia, similar a uma dança da chuva, dançando pelo futuro.

Estamos caindo.

Essa coreografia estranha poderá também ser chamada de *indisciplina*, o exercício de uma força capaz de produzir uma fratura na barreira de contenção que viabilizou um reservatório de humanos úteis. Aqui, as criaturas-palavras de Ailton Krenak encontram os dizeres do xamã yanomami, Davi Kopenawa,

Se os brancos pudessem, como nós, escutar outras palavras que não as da mercadoria, saberiam ser generosos e seriam menos hostis conosco. Também não teriam tanta gana de comer nossa floresta (KOPENAWA e ALBERT, 2015, p. 414).

### **Depois da queda?**

Superar o atual estado de degradação humana e planetária diz respeito à luta pela interrupção da colonização da Terra. Desse modo, o movimento de queda de paraquedas não deve reiterar imagens coloniais, como a divisão dos povos entre aqueles iluminados e os outros obscurecidos.

A ideia de que os homens brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história (KRENAK, 2019, p. 11).

A mudança decisória do processo civilizatório depende da humanização mútua de todos os povos e de seu vínculo planetário, inspirado pelas existências minoritárias. Portanto, temos que aceitar a queda do consumo destrutivo da vida humana e não-humana e criarmos alternativas para a cidadania ampliada. Essa criatividade cidadã deve, por sua vez, superar a educação consumista que se inicia com as crianças. Palavras de Ailton Krenak: “E nossas crianças, desde a mais tenra idade, são ensinadas a serem clientes. Não tem gente mais adulada do que um consumidor. São adulados até o ponto de ficarem imbecis, babando. Então para que ser cidadão?” (KRENAK, 2019, p. 24).

Ailton Krenak localiza a essência da intolerância no ódio dirigido a “quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar” (KRENAK, 2019, p. 26). A nossa saída residirá na conexão com essas constelações de “gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover” (KRENAK, 2019, p. 26). Hoje, o ódio é dirigido a quem é capaz de fruição da vida (KRENAK, 2019, p. 27), o que devemos confrontar com a alegria.

Cair alegremente,

Por que nos causa desconforto a sensação de estar caindo? A gente não fez outra coisa nos últimos tempos senão despencar. Cair, cair, cair. Então por que estamos grilados agora com a queda? Vamos aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos. Vamos pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos (KRENAK, 2019, p. 30).

De modo mais concreto, trata-se da urgência de enriquecermos nossas subjetividades (KRENAK, 2019, p. 32). Isso porque o objetivo dos restauradores do *mundo em queda* é retirar a nossa alegria de estarmos vivos.

Por que achamos que estamos caindo? A Terra está se exaurindo porque essa humanidade é um coletivo consumidor voraz e incapaz de viver o desamparo. Então, começamos “a achar que aquilo não é mesmo o melhor dos mundos, que o mundo está acabando e a gente vai cair em algum lugar. Mas a gente não vai cair



em lugar nenhum (...)” (KRENAK, 2019, p. 60). Vistamos os nossos paraquedas coloridos!

### O tempo das flores

O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han alerta-nos para a “sociedade do cansaço”. Estamos excessivamente positivados na nossa liberdade, de tal maneira que somos coagidos a ter um “projeto de vida” elaborado com o intuito de estabelecer um plano de ação para a obtenção de resultados. Ao mesmo tempo, somos chamados a exercer a produção e a supervisão. O projeto submete o sujeito à coação interna, convertendo a liberdade em liberdade para nos auto-submeter. O filósofo conclui que algumas doenças como a depressão e o “burnout” são “expressão de uma crise profunda da liberdade” (HAN, 2014, p. 12).

O sujeito empreendedor de si mesmo não possui um patrão, ou pelo menos considera a si mesmo enquanto o patrão imediato. O projeto coercitivo constitui um processo de subjetivação e de submissão, instância formadora do sujeito neoliberal. Cada vez mais isolado e subordinado ao seu projeto, o sujeito deixa de ter uma palavra relacional e deixa de realizar-se *com os outros*. O capital forja a liberdade individual como exploração da liberdade, “por meio da liberdade individual se realiza a liberdade do Capital” (HAN, 2014, p. 15).

A subjetivação pós-industrial está associada à produção imaterial e o seu trabalhador é um escravo dos seus próprios projetos de vida. O trabalhador explora a si mesmo na sua própria empresa e, portanto, vê a si mesmo como empresário. Para Byung-Chul Han, o sujeito neoliberal é escravo e empresário (HAN, 2014, p. 17). Pois, destituído do palco da vida, o sujeito neoliberal sofre sozinho e responsabiliza a si mesmo por seu “fracasso”. A sua raiva não encontra lugar no mundo comum e se transforma em autoagressão. Incapaz de se tornar um sujeito revolucionário contra um outro opressor, o sujeito torna-se, ainda, seu pior adversário. Quando está fracassado, o sujeito tem, além de tudo, vergonha de si mesmo, deprime-se.

Falsamente, o sujeito se conecta a outros usuários e se desnuda nas redes sociais, em aplicativos de “mobiles”. O capital realiza, por sua vez, a conversão da “liberdade de comunicação” em dispositivos neoliberais (HAN, 2014, p. 21).

O usuário neoliberal entrega, voluntariamente, todos os seus dados que são transformados em informação, o sujeito é desinteriorizado para figurar uma exterioridade total.

O mesmo se aplica aos políticos submetidos à desinteriorização. Desnudo e desmascarado, o político neoliberal aparece como “objeto de escândalo” (HAN, 2014, p. 24) para o cidadão-eleitor, um espectador escandalizado e passivo porque a sua insatisfação foi transformada em informação. O “gostei” e o “não gostei” fazem a métrica da insatisfação política.

Os dispositivos neoliberais participam da produção de um conhecimento de dominação e permite intervir na psique, formando condicionamentos pré-reflexivos. Para Byung-Chul Han, estamos nos dirigindo à época da psicopolítica digital.

Como forjar, então, uma prática da liberdade? Uma saída é a conquista de espaços de silêncio, quietude e solidão contra a obrigação da informação. Para dizer apenas o que merece ser dito (HAN, 2014, p. 123). Desconectado, o sujeito anti-neoliberal está aberto ao acontecimento, abre-se a uma matriz de des-subjetivação e de des-psicologização. Com a incidência de um raio de luz, ele (que tampouco é sujeito) se abre como flor (HAN, 2014, p. 127).

Façamos, então, um belo jardim para florir as palavras dos outros, um espaço do tempo vegetal para fazer passeios com as palavras outras, um jardim suspenso que há de cair florido. Não esqueçamos dos paraquedas coloridos de Ailton Krenak!

Quando era criança, Kopenawa sonhava que era perseguido pelos animais, como a anta, a onça e a queixada. Outras vezes, eram os inimigos que o perseguiam, como as mulheres das águas, etc. Nos sonhos, a imagem de Kopenawa era levada embora pelos Outros e circulava assustado pelos caminhos. O “sonhador” gemia e falava durante os sonhos porque sua imagem estava longe do corpo, capturada temporariamente pelos Outros, pelos xapiri.

Façamos como os xapiri, penetrar o som das palavras nos outros e fixá-las nos seus pensamentos (KOPENAWA e ALBERT, 2015, p. 114). Kopenawa foi adornado com “enfeites” do espírito da Anta, adornos que eram também importantes para alegrar os xapiri. Por causa dos “enfeites”, os xapiri olhavam Kopenawa com

carinho.

Na companhia de um jardim florido, podemos também criar um espaço de encontros. E mais. Estender algumas redes para aqueles que quiserem “habitar o lugar do sonho” (KRENAK, 2019, p. 63), e, quem sabe, dormir entre flores e conquistar os sonhos anti-narcísicos. Nas palavras de Kopenawa: “nos sonhos do meu sono de fantasma” (2015, p. 234).

Vencida a “paranoia da queda” (KRENAK, 2019), conseguiremos adiar o fim do mundo e conquistar o tempo da palavra. Quem sabe, assim, consigamos cair em espiral, percorrendo todas as moradas da terra plena de diversidade. E, com o cair das pétalas, pratiquemos a jardinagem dos pássaros, derrubando sementes por todos os lados, ocupando as subjetividades neoliberais como erva daninha.

Se tivermos sorte, faremos brotar as plantas capazes de transformá-los em outros, como faz a *yãkoana* dos yanomami.

Quando bebemos *yãkoana*, seu poder cai em nó com força, bate de repente na nuca. Então, morremos e logo viramos fantasmas. Enquanto isso, os espíritos se alimentam de seu pó através de nós, que somos seus pais. Depois, se aproximam devagar, cantando e dançando nos espelhos, descendo de suas casas presas no peito do céu. Neles se movem com ânimo, sem tocar jamais o nosso chão, cobertos de enfeites de penas e brandindo seus facões, machados e flechas, prontos para combater os seres maléficos (KOPENAWA e ALBERT, 2015, p. 120).

Então, com o tempo-espço vegetal similar à *yãkoana*, fazer os sujeitos neoliberais se des-subjetivarem e, em seguida, serem ensinados por uma palavra outra. De repente, ensiná-los o sonho anti-narcísico e implodir a “casa do medo”, convidá-los à queda do “mundo dos brancos” e ao apoio dedicado aos xamãs que evitam a queda do céu yanomami.

Quando voltarem a si, e após a visita ao “lugar dos sonhos”, estarão com os pés em um palco maior e juntos dançaremos aquela coreografia estranha, proferida por Ailton Krenak.

**Referências:**

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: Neoliberalismo y nuevas técnicas de poder*. Herder, Barcelona, 2014.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.

KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras, São Paulo, 2019.